



National

Av. Mohamed Slad Barre, 997 Maputo
Telephone, 40 05 70 - Fax 73 42 95

mediaFAX

Maputo sexta-feira 06.11.92 * N° 118/92

E. irman
trading

IMPORTADORES & EXPORTADORES
ARMAZENISTAS * VENDAS A GROSSO

Telefone: 741056 - Fax: 491832
Av. Mao Tse Tung n° 408 - Maputo

De segunda a sexta, um diário no seu fax * Propriedade e edição: mediacoop - jornalistas associados, scrl

Editor: Carlos Cardoso * Sede: Av. Mártires da Machava, n° 1002

C.P. 73 * Tlx 49 09 06, 74 39 52, 490909(ext. 208), 491154(ext. 208) * Faxes 49 00 63 / 49 09 06 * Tlx 6 - 233 * Maputo * Moçambique

Assinaturas mensais - ordinária: 50.000,00 MT * Institucional: 150.000,00 MT ou 50 USD * de apoio: 300.000,00 MT ou 100 USD

AJELLO: "MELHOR DO QUE EU ESPERAVA" A.1.4

1-118/92 (Maputo) Poderá vir a ser significativa a quantidade de capacetes azuis em Moçambique.

O representante especial do SG da ONU para Moçambique, Aldo Ajello, disse ao mediaFAX ontem que partirá este fim de semana ou na segunda-feira para Nova Iorque onde entregará o seu relatório a Boutros Ghali.

Quantos homens (capacetes azuis) vai propor que venham para Moçambique?

"Muitos", respondeu Ajello.

No final da reunião de ontem da Comissão do Cessar Fogo (CCF), Ajello negou que no seu recente encontro com o Presidente zimbabwano, Robert Mugabe, tivesse pedido que houvesse um abrandamento da retirada das tropas zimbabwanas de Moçambique.

"Mas não excluo a possibilidade de essa questão vir a ser discutida", disse ele aos jornalistas. "Não permitirei que se instale um vácuo nos corredores", acrescentou.

O chefe da delegação da Renamo na Comissão de Supervisão e Controle (CSC), Raul Domingos, disse-nos que, da parte do seu movimento, não houve qualquer abordagem deste assunto com Ajello, para quem o processo "está a andar melhor do que eu esperava".

O encontro de ontem teve uma particularidade: na sala habitual de reuniões do Clube Militar estavam os membros da delegação do governo na CCF, os representantes dos vários países - membros observadores - nesta comissão e, da parte da Renamo, apenas o major Hermínio Morais.

"Estou cá sozinho por causa do problema do alojamento", explicou ele à RM antes de a reunião começar. "Eu próprio estou a viver com o chefe da delegação" (Raul Domingos). Ele disse que os restantes membros desta e de outras comissões não poderiam vir para Maputo para "acamparem" na casa atribuída a Domingos.

Perguntámos a Raul Domingos se, na sua opinião, o problema das casas se devia a má fé do governo ou a dificuldades reais na procura de uma solução.

"É difícil compreender que haja tais dificuldades. O governo não pode disponibilizar o mínimo de 6 casas, segundo a declaração de há uma semana? É difícil acreditar que haja um esforço sério por parte do governo para resolver

o problema, nem que seja temporariamente". Acrescentou que uma solução de remendo poderia ser seguida, mais tarde, por uma solução definitiva como a recuperação de casas abandonadas ou semi-destruídas.

Domingos disse que, apesar deste problema, a Renamo havia decidido iniciar o trabalho das comissões para que o acordo de paz "não fique desgastado".

Ele afirmou-nos que o ataque das FAM a Maganja da Costa foi a última acção do género, mas acusa o governo de continuar a movimentar tropas, nomeadamente contra Lugela e Chapo, em violação do acordo de paz que proíbe tais movimentações no terreno.

Aldo Ajello anunciou, sobre esta matéria, que a ONU não investigaria nenhuma acusação de violação do acordo de Roma anterior ao dia E, 15 de Outubro. Isto deixa por investigar 8 acusações, 4 de cada lado.

Na CCF estão presentes os cinco observadores (Itália, Grã-Bretanha, EUA, Portugal e França) a Nigéria, o Botswana e o Egipto. Segundo Domingos, o governo havia proposto, também, a presença nesta comissão de representantes do Zimbabwe, Quênia, Malawi e África do Sul, tendo a Renamo aceite apenas o Quênia. O governo, por seu turno, e ainda segundo Domingos, condicionou a participação do Quênia à presença dos outros três.

Perguntámos-lhe porque é que a Renamo rejeitara a presença da África do Sul na CCF. "Por razões óbvias; não interessa entrar em pormenores". Acrescentou que as duas partes acordaram que o "melhor lugar" para uma presença sul africana nos mecanismos de implementação do acordo de paz seria a comissão que vai lidar com a reintegração social e económica dos militares desmobilizados.

Pusemos a Domingos a leitura que se vai fazendo nalguns círculos, nomeadamente, a de que o relacionamento entre os militares das duas partes é melhor do que aquela que existe entre os seus respectivos dirigentes políticos. Ele disse que não tinha qualquer observação a fazer sobre isso.

Acrescentou, no entanto, que "é difícil falar de relação de confiança" por enquanto. "Temos de trabalhar juntos".

(da redacção)

COMÉRCIO
INVESTIMENTOS
PARTICIPAÇÕES

SEDE: Av. Samora Machel, 285 / 1º andar * Tlf: 430171/5 * Fax: 428484 * Tlx: 6-387 ENEXP MO
C.P. 698 * Telegramas: ENACOMO * Maputo * DELEGAÇÕES: Beira * Quênia * Nacala

Fax: 426045
Telex: 6-527
Tel: 423300

emano

ENTREGA
IMEDIATA

Preço

HONDA

ral de Maciana, também no distrito da Manhiça e está na Renamo desde 1985. "Ainda não tinha começado a trabalhar. Era criança, andava na 2ª classe. Deixei os meus pais e 5 irmãos", disse.

Jeremias Armando Timane é também natural da Manhiça, aldeia 3 de Fevereiro. Tem 12 anos de idade. Foi raptado pela Renamo em 1986. Era pastor de gado bovino. "Tenho saudades da minha família, pais e sete irmãos, na Manhiça".

Lucas Carlos Cossa disse ter 10 anos de idade. Nasceu na Machava, em Maputo. Está com a Renamo desde 1986. Frequentava a 1ª classe. Os pais e três irmãos ficaram na base. Na base, onde?, perguntámos. "Na base, na base", respondeu, olhando intensamente e de forma alternada para nós e para os olhos do seu comandante.

ANGOCHE - ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA

4-118/92 (Angoche) À saída de Angoche, a caminho do aeródromo, num local ao lado da estrada, notava-se que a terra fora recentemente remexida. "O cheiro era muito forte. Tivemos de enterrar os sacrificados aqui mesmo. Eram 30 soldados nossos e 80 da Renamo" - disse-me o major Tome das FAM.

O combate ocorreu na madrugada de 18 de Outubro, quando a Renamo ocupou a cidade de Angoche. A 21 seria retomada pelas forças governamentais, comandadas pelo major Aniceto Sandiangane, chefe do Estado Maior do Comando Militar Provincial de Nampula.

"Não esperávamos o ataque. No dia 4 fizemos uma grande festa. Depois vimos circular os camiões da Cruz Vermelha com comida na estrada de Liupo e sabíamos que havia contactos entre as autoridades daqui e a zona da Renamo. Até se esperava um jogo de futebol e actividades culturais com gente dos dois lados" - disse-me o Xee Luís Abdala.

O administrador de Angoche, Geraldo Caetano, confirmou os contactos anteriores à tomada de Angoche. A festa do "reencontro de irmãos" esteve prevista para o dia 17 ou 18 de Outubro". Adianta que tinha mandado disponibilizar 15 toneladas de milho, 2 toneladas de ervilha seca e 300 barras de sabão, para enviar a Metupua, onde se encontra uma base da Renamo, a cerca de 40 km de Angoche.

"As 4 horas da manhã, ouvi 4 tiros. Logo a seguir começou o combate. Eu e a minha família pensávamos que isso podia acontecer, estávamos preparados, sabíamos para onde fugir. Mas a população fugiu precipitadamente. Por isso é que morreram pessoas afogadas quando fugiam para as ilhas" - conta Hélio da Silva Martins, agricultor e comerciante português que vive em Angoche desde 1954.

Nazário Naite é o director de Educação de Angoche. Na ausência do administrador, o tenente-coronel que chefiava o contingente da Renamo (segundo os testemunhos que recolhi, entre 1.000 e 1.200 pessoas, mais de dois terços das quais de idades entre os 12 e os 16 anos) enviou-lhe uma mensagem sugerindo-lhe um encontro. Nazário Naite aceitou, depois de para isso ser autorizado num contacto por rádio com o Governador da Província, Alfredo Gamito.

"Falei com o tenente-coronel da Renamo e o encontro correu bem. Disse-me que era necessário informar a população de que podia regressar sem problemas. Segundo as instruções do governador, perguntei-lhe quais eram as suas intenções. Ele respondeu que tinha ordens para ficar em Angoche e que a vida na cidade devia continuar normalmente" - disse-me Nazário Naite.

Mas, no bairro de Inguri, a situação não era normal. A maior parte da população fugira e elementos da Renamo queimavam casas, visando principalmente as dos soldados e as de elementos das forças de protecção de empresas.

Em frente da mesquita queimada, falei com alguns fiéis.

O último elemento da Renamo que entrevistámos disse chamar-se Filipe Mugadula Manasse, natural de Chibabava, em Sofala. Aparenta 60 anos de idade. Não sabe dizer há quanto tempo se encontra na Renamo. "Não estudei, não sei escrever. Não sei ainda para onde o destino me vai levar", disse. Ele apresentava-se embriagado.

Ainda naquela zona, apurámos que, desde o mês passado, o governo está a concentrar tropas no quartel de Boane. Actualmente estão lá oito batalhões provenientes de diferentes pontos de Maputo. Informações não oficiais ali recolhidas diziam que alguns desses militares já estão a ser desmobilizados.

(Orlando Muchanga)

"Deitaram fogo às casas dos soldados, mas as casas ao lado delas também arderam". Nos locais onde passei vi dezenas de palhotas queimadas. Segundo o administrador, foram 255. Além das palhotas destruídas e dos bens pessoais levados, o contingente da Renamo terá consumido 82 bois e 60 porcos. O valor estimado dos prejuízos, incluindo os produtos das 5 lojas saqueadas na altura da retirada, dia 21, é de 250 mil contos, ainda segundo o administrador.

No passado dia 4, altura em que estive em Angoche, a cidade parecia ter regressado à normalidade. Na zona de cimento, não havia estragos visíveis, para além dos do tempo e da má conservação dos edifícios e das ruas. Na ponte cais descarregavam-se mercadorias. As lojas estavam abertas. Na periferia da cidade, no entanto, várias habitações estavam vazias, sinal de que parte da população ainda não regressara.

A reocupação de Angoche foi feita, aparentemente, sem grandes combates. Segundo Nazário Naite, o contingente da Renamo apercebeu-se de que a força governamental, que retirara para o "km 15" se estava a reorganizar e recebera armamento mais poderoso. O major Tome confirma que "quando fizemos a reocupação tínhamos armamento adequado".

Após a retomada de Angoche "houve incidentes entre soldados e algumas pessoas daqui, principalmente três régulos que indicaram à Renamo as casas dos soldados que foram queimadas. Mas interviemos, juntamente com o comando das forças e as coisas normalizaram-se. Achámos melhor, para evitar conflitos, que os três régulos saíssem daqui por algum tempo. Estão nas ilhas" - disse-me o administrador. O major Sandiangane afirmou o mesmo.

Também segundo o Xee Abdala, os soldados "estavam zangados", mas foram "acalmados" pelos seus chefes, antes que os incidentes assumissem proporções graves. Não recolhi nenhum testemunho de que tivessem ocorrido perseguições contra elementos da população de Angoche, após a reocupação da cidade. No entanto, algumas pessoas disseram, mas sem se referirem especificamente aos dias posteriores à retomada de Angoche, que "há soldados que abusam e exigem coisas".

Segundo o governador Alfredo Gamito "em toda a província de Nampula, Angoche e Momba foram os únicos locais onde houve confrontos depois do acordo". Os contactos entre o governo e a Renamo têm-se vindo a multiplicar. "Já distribuímos 100 toneladas de produtos alimentares às forças da Renamo na província".

No entanto, a população de Angoche ainda olha o futuro com receio e incerteza. A desconfiança em relação ao cumprimento do acordo de paz ensombra a esperança de que seja cumprido.

(Leite de Vasconcelos)

ESCLARECIMENTO

2-118/92 (Maputo) Não foi a banda policial, mas sim a banda militar, que se propunha cobrar os 1 200 contos referidos numa notícia no mediaFAX N°110/92, esclarece uma carta que nos foi enviada por João Raul, Secretário-Geral da Federação Moçambicana de Futebol.

"Com eles não temos nenhum problema de preços", diz a carta, em relação à banda policial.

"Solicitamos que rectifiquem o erro verificado na informação dada pelo membro da direcção da FMF do pelouro da administração e finanças", escreve João Raul.

" BATER " ENTRE FAM E RENAMO

3-118/92 (Boane) Os soldados das FAM estacionados na primeira brigada de infantaria motorizada de Boane - "BRIM" - desde a assinatura do acordo geral de paz têm realizado encontros regulares e troca de correspondência com as forças da Renamo das bases de Matsequenha, em Namaacha, e de Catuane, distrito de Matutuine, na província de Maputo.

O primeiro contacto, logo após a assinatura do acordo, foi de iniciativa dos homens da Renamo da base de Matsequenha. Avançaram uma posição até à localidade de Kanimambo junto à estrada que liga a capital do país aos distritos de Moamba e Ressano-Garcia, na fronteira com a África do Sul. Neste posto, situado no troço entre Boane e Moamba, a Renamo contactou as autoridades para pedido de apoio em alimentação.

Todos os dias há uma viatura da 1ª BRIM que se desloca para o "posto-avançado" da Renamo. Enquanto as FAM oferecem farinha, feijão e ervilha em troca receber carne de caça. Neste momento, a Renamo não tem falta de alimentação. O último abastecimento foi efectuado sábado passado, quando Mateus Ngonhamo, chefe da delegação da Renamo na Comissão Conjunta para a Formação das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (CCFADM) visitou aquelas bases do seu movimento.

Por outro lado, quase sempre, há grupos armados da Renamo que escalam a vila de Boane para efectuar compras e/ou em trânsito de uma base para outras. Mesmo ontem, durante a nossa estadia naquele distrito, a cerca de 30 km de Maputo, chegou um grupo de cinco elementos armados que contactaram com o comando da 1ª BRIM.

Informaram que vinham da base de Matsequenha (Mboma) e precisavam de uma viatura que os transportasse para Catuane, para onde levavam algumas mensagens dos seus superiores. O comandante da 1ª BRIM disponibilizou um autocarro que os levaria até onde pudesse, na companhia de 12 soldados das FAM. Combinou-se que a viagem duraria dois dias. Deste modo, tinha-se pernoitar em conjunto, numa determinada posição.

Este não era o primeiro grupo da Renamo a chegar a Boane com os mesmos objectivos. Apurámos que, no domingo passado, um outro grupo, composto por mais de 10 elementos, também foi transportado para a base de Catuane. Regra geral, os elementos da Renamo não apresentam nenhum documento de identificação, para além das armas e, por vezes, do fardamento que envergam.

Estivemos durante dois dias, a trabalhar em Boane. Observámos que o contacto entre as FAM e os militares da Renamo é nítido. Exemplo: um capitão das FAM tinha cigarros, mas não tinha fósforos e o oficial da Renamo tinha fósforos mas não tinha cigarros. A troca foi imediata.

A maior parte dos elementos da Renamo é constituída por rapazes de idades compreendidas entre os 9 e 14 anos, meio uniformizados ou vestidos a civil. Alguns andam descalços, com roupas rotas e sujas. Por onde passam a população aglomera-se curiosa. Muitos deles não falam português. Falam línguas nacionais moçambicanas, entre as quais predomina o ndau.

Na sub-base de Kanimambo, a 25 kms da vila de Boane, fomos recebidos por uma dúzia de crianças, cuja altura não ultrapassava a altura de uma arma "AKM". Todos eles mal uniformizados e de barrigas "rijas". Perante a aproximação do carro militar, puseram-se imediatamente em sentido. Não encontramos o comandante (Alexandre) da posição. Informaram-nos que tinha sido chamado, de emergência, para a base de Mboma, em Matsequenha.

Com os outros 4 chefes, adultos, foi difícil entabular um diálogo coerente. Para além das dificuldades de língua, apresentavam-se num estado de embriaguês bastante avançado. O posto possui 34 elementos. Três são mulheres, uma das quais com um bebé de 15 dias de idade. Vive-se em trincheiras improvisadas.

Simão Ernesto Matsinhe, oficial dos serviços de contra-inteligência militar da Renamo na base, disse que não podia prestar declarações por falta de autorização. Informou que é natural de Inhambane e encontra-se na Renamo desde 1982. "Estou aqui em Kanimambo à espera de ordens dos meus superiores", disse.

Johane Muhlanga, outro chefe de secção, disse que é natural de Sofala. Corroborou com o companheiro, afirmando que "sou como os bois, só saem quando o curral estiver aberto". Contudo, ambos sublinharam que estão proibidos de disparar "mesmo por descuido" - disseram. A caça é efectuada com armadilhas.

Maharadje Tcharingarene, por sua vez, disse ter 32 anos de idade e ser natural de Sofala, encontrando-se na Renamo desde 1982. "Todos os dias os nossos irmãos, soldados de Boane chegam aqui. Trazem-nos feijão e ervilha. Nós também vamos à vila". Acrescentou que segunda-feira passada uma viatura da 1ª BRIM ajudou a transportar comida de Kanimambo para Matsequenha. A outra parte foi carregada à cabeça pela população.

Adélia Rungo informou que é natural da Maxixe, em Inhambane. Foi raptada pela Renamo na vila de Ressano-Garcia, em 1989. Lamentou não saber já do paradeiro do marido. Tem dois filhos a viverem na cidade de Maputo. "Com o fim da guerra penso regressar à casa dos meus pais. Se o meu marido ainda me quiser, vai-me procurar", disse.

Lina Tumbo, outra mulher na posição de Kanimambo, disse ter 16 anos de idade. Foi raptada há dois anos, no Sábiê, donde é natural. É a mãe do bebé de menos de um mês que vimos na base. Saímos da base cerca das 20 horas.

Porém, antes de irmos à base da Renamo, entrevistáramos, ainda na vila de Boane, alguns elementos do grupo que se deslocava para Catuane. Carlos Armando Ndava, chefe de secção, disse ser natural de Tanninga, na Manhiça, onde vivem seus pais. Tem 20 anos de idade e foi raptado pela Renamo em 1985. Ele era o responsável do grupo.

Alberto Boaventura Vilankulo, de 16 anos de idade, é

ASSINATURAS DO "mediaFAX" em resposta às solicitações que temos vindo a receber, decidimos abrir formalmente o serviço de assinaturas para o exterior. Preços assinatura individual 30 USD, assinatura institucional 40 USD. Pagamentos aceites em metálicas. As assinaturas podem ser pagas mensais, trimestrais, semestrais e anualmente. Assinante receberá a colecção semanal por via aérea. Assinaturas para a África Austral: redução de 15%.